

UMA SEMANA QUE DESACREDITOU O PAÍS

por Mário Soares

Toda a gente pensava - e dizia, com mais ou menos razão - que o Governo estava moribundo e que a política de austeridade, além de ser uma desgraça para Portugal, nos levaria de mal a pior. Assim tem sido, como se tem visto.

Entretanto, veio a bomba da demissão de Victor Gaspar, com uma carta para o Primeiro-Ministro, especialmente bem escrita, a dizer que tinha errado, sem remédio, sem o apoio necessário do Primeiro-Ministro. A carta, note-se, foi divulgada pelo seu autor.

Seria que a política financeira e económica, mal conhecida pelos portugueses, ia mudar? Não! Visto que o Primeiro-Ministro nomeou como ministra das Finanças, a antiga Secretária de Estado de Gaspar, Maria Luís Albuquerque, extremamente próxima do anterior ministro. Quer dizer: com a demissão de Gaspar nada iria mudar, não obstante a nova ministra ser uma pessoa polémica, dado que tinha mentido, mais de uma vez, no Parlamento.

Passos Coelho não perdeu tempo e pediu ao seu amigo e aliado (de agora, note-se) o Presidente Cavaco Silva, para lhe dar posse imediata. O que aconteceu, estando pouca gente, o que faz pensar que nem todo o Governo foi posto ao corrente.

Ao que parece, ainda a cerimónia não tinha acabado, quando rebentou outra bomba: o discurso, completamente inesperado, de Paulo Portas a demitir-se. Também não avisou ninguém nem sequer os seus companheiros mais próximos do Partido e membros do Governo. Um discurso bem estruturado, dito pelo autor como irrevogável, que deixou o País entusiasmado. Porque representava o fim de um Governo moribundo, há semanas completamente paralisado.

Direi que esta segunda bomba foi maior que a primeira. Porque sem os votos do CDS/PP o Governo perderia a maioria, o que implicava a sua queda automática.

Contudo, o discurso de Paulo Portas, foi feito sem dizer nada aos seus companheiros do Partido, nem sequer os informou. Souberam tudo pela televisão e pela rádio. Estranha posição de um líder que ignora os seus pares e que talvez julgue que só o que ele diz é o que conta. Enganou-se redondamente, porque os protestos dos membros do CDS/PP, não se fizeram esperar... Mesmo dos mais próximos e sobretudo os dois membros do Governo: Assunção Cristas e Mota Soares.

Perante esta invulgar situação, completamente absurda, o Primeiro-Ministro, Passos Coelho, não perdeu tempo. E começou por dizer que não aceitava a demissão de Portas, como se alguém, em democracia, pudesse dizer não a um ministro que se demite.

E assim começou a "ópera bufa", como lhes chamaram, das conversas mais ou menos clandestinas entre os três protagonistas principais: Portas, Passos Coelho e Cavaco Silva, este último em silêncio, como de costume, ouvindo e calando.

Até que veio a notícia, depois de muitos boatos e rumores, que afinal Portas aceitava ficar no Governo. Foi 6ª. feira ao fim da tarde. Mas onde, em que pasta e porquê? Ter-se-á arrependido do discurso que fez por estar embriagado ou qualquer outra razão singular?

A verdade é que as conversações entre Passos Coelho e Paulo Portas se prolongaram durante dois ou três dias e finalmente, depois do Primeiro-Ministro ouvir várias vezes o Presidente Cavaco Silva, chegou-se a acordo: Paulo Portas deu o dito pelo não dito e afinal deixou cair o que era irrevogável. Ficou no Governo, ao que diz o Diário de Notícias, como Vice de Passos Coelho, entrando mais membros do CDS/PP para o Governo.

No entanto, os mercados pronunciaram-se, as bolsas caíram a pique, os juros aumentaram e as agências de *rating* perceberam finalmente que o Governo português não tinha consistência política e social nenhuma. E é incapaz de ter alguma ideia de mudança.

O Presidente Cavaco Silva parece ter gostado da solução, embora tenha continuado em silêncio. A legitimar este Governo, apesar de totalmente desacreditado pela imprensa internacional e pelos portugueses, porque o Presidente não quer é que lhe ponham "o menino nos braços" (ou seja o Governo)...

No sábado passado foi vaiado outra vez pelas duas centrais sindicais em conjunto e por representantes de diversos partidos, mas de janelas fechadas no seu Palácio, não deve ter ouvido as vaias, como de costume. E depois de ter falado na Europa não parece ter dado conta das vaias que lhe fizeram e que se transmitem cada vez mais aos portugueses desempregados e mesmo com emprego, que o detestam. Nunca se viu, desde o 25 de Abril um Presidente tão impopular.

Entretanto alguém desapareceu: a jovem ministra das Finanças, Maria Luís Albuquerque, que se retirou para parte incerta. Ainda é ministra ou já não, devido ao novo aparelho governamental que está a ser fabricado por Passos Coelho e Paulo Portas? Ninguém sabe responder, se calhar nem a própria...

Nestes poucos dias o actual Governo perdeu completamente o crédito. A imprensa internacional assim o escreveu. E a Troika está já a fazê-lo sentir. Assim não! Não há qualquer base social de apoio. Acontece que a verdade vem sempre à tona de água. Será que Cavaco Silva continua a pensar no pós Troika, daqui a vários anos, e não pensa no descrédito total de um Governo que, ao contrário do que julga, vai de mal a pior e em pouco tempo lhe vai cair em cima, sem remédio? Alguém com um mínimo de senso acredita que o Governo que aí vem, mais desprestigiado do que nunca, com ou sem Portas, não terá ficado totalmente desacreditado nos últimos dias?

Que gente mais incompetente, desacreditada e incapaz! Esperem pelo que aí vem. Porque os portugueses estão fartos e começam a pensar que sem alguma violência as coisas irão sempre de mal a pior. O Presidente que se cuide também... Com este Governo pobre e incapaz, de que ninguém gosta e que nesta semana ficou completamente desfeito, sobretudo no contexto internacional.

Realmente como é que os mercados podem acreditar num Governo que não tem qualquer base social de apoio e os Partidos da Coligação, como se tem visto, não têm qualquer impacto na população, sendo que o partido maioritário, o PSD, na sua esmagadora maioria não se revê no seu Partido, e que os candidatos às próximas eleições autárquicas se dizem "independentes" para as poderem ganhar...

A composição do Governo refeito não é ainda conhecida, mas parece ter mais representantes do CDS/PP do que social-democratas. Tirando a ministra das Finanças que tendo desaparecido, fica agora dependente do seu antagonista Paulo Portas. Que interessante composição... Ninguém pode esperar nada de uma tal equipa, morta antes de nascer.

Temos esperança no novo Patriarca?

2. No último Domingo realizou-se a primeira missa de D. Manuel Clemente, actual Patriarca, no Mosteiro dos Jerónimos. Havia a esperança de ser um novo impulso para a Igreja Portuguesa, muito mais aberta do que a espanhola e mais próxima do pensamento do novo Papa Francisco.

Mas não foi. A missa, instrumentalizada, pelo Governo moribundo que temos, tornou-se numa vergonha inaceitável. A presença do Presidente da República, nada discreta, de Passos Coelho e Paulo Portas e mais a claqué dos capangas que lá puseram para bater palmas aos políticos presentes resultou num escândalo. Nenhum católico verdadeiro pode aceitar uma tal humilhação a que sujeitaram o Patriarca, que julgo não a merecia. Mas a verdade é que não reagiu e pelo contrário parecia satisfeito como se viu na televisão.

Se a Igreja não deve intrometer-se na política, a verdade é que os políticos também não devem aproveitar-se da Igreja para fazerem propaganda. Teremos voltado ao tempo triste do fascismo?

Foi o que aconteceu, sem que o Senhor Patriarca tivesse reagido minimamente. Começou muito mal com a sua primeira missa. Direi mesmo que foi uma vergonha que infelizmente o vai marcar negativamente perante os católicos sinceros e progressistas, sem falar dos leigos, como eu, que se lembram bem dos tempos em que o fascismo utilizava a religião...

Não sei agora como é que o Senhor Patriarca vai falar dos desempregados e dos pobres, quando deixou que os responsáveis por essa desgraça nacional fossem aplaudidos nessa primeira missa, obviamente organizada pelos políticos, como está à vista, quando são vaiados sempre que se atrevem a aparecer na rua.

É óbvio que uma Igreja como o Mosteiro dos Jerónimos é um local sagrado. Não se compreende assim que o novo Patriarca, que é uma pessoa culta e experiente, deixasse que os políticos presentes fossem aplaudidos sem que ele, Patriarca, lhes lembrasse que a Igreja onde estavam é um lugar sagrado, não é um lugar próprio para esse tipo de manifestações políticas. Começou mal, muito mal, as suas novas funções, como o povo católico mais humilde vai compreender.

Lisboa, 9 de Julho de 2013